

## **A TRANSFORMAÇÃO DO HERÓI AGAMENÃO: DO ÉPICO AO TRÁGICO.** Tiago Raul Feijó Silva. Edvanda Bonavina da Rosa. Letras. Letras. Departamento de Lingüística. Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara.

A presente pesquisa se inclinou a observar e mapear os principais elementos - sejam eles do campo literário ou filosófico - que processaram no âmago do herói Agamenão as transformações morais evidenciadas na sua transição de herói épico para herói trágico. É evidente que as próprias peculiaridades estruturais dos gêneros em questão exigiram, no que concerne à moral heróica, uma transformação clara da constituição do herói. A convenção moral épica e a sua concepção heróica de homem sofreram, na eclosão conturbada das novas idéias da *pólis* grega do século V, uma verdadeira revolução na maneira de encarar o homem e sua moral. A tragédia, gênero nascido no calor dessas novas idéias, é a expressão mais completa da complexidade moral em que se debatia o “novo” homem, o homem do século V.

Sem desconsiderar tais peculiaridades dos gêneros, que de maneira óbvia imprimiram no modo de conceber o homem uma transformação coerente com a estrutura que lhe é inerente, almejamos aqui desvendar outros elementos que participaram dessa transformação e que são provindos daquela “revolução de idéias do século V” que culminou, no campo da literatura, com o advento da tragédia, ou seja, com o advento de uma nova concepção moral de homem, diferente, senão oposta, àquela concepção épica que prevaleceu fortemente desde o surgimento dos poemas homéricos.

Tentamos definir, em linhas gerais, a concepção de herói épico em todos os âmbitos de seus elementos constitutivos. Sua moral e sua educação, seus princípios e seu conceito de mundo e dos homens, e, enfim, sua finalidade.

Qual é o útero do herói épico? Qual é o seu mundo? Como e para que ele foi constituído? As perguntas formuladas acima pretenderam servir de guia a esta investigação pela busca de uma lei normativa que presumivelmente ordenou a criação de um modelo de herói épico.

A Grécia é o berço daquilo a que chamamos de cultura; porém, não nos remetemos àquela convencional cultura, que nos tempos modernos adquiriu novo âmbito e que procura descrever as manifestações e os comportamentos de diversos povos pelo mundo. A cultura forjada pelos Gregos possui valores diversos aos valores consagrados pela idéia de cultura moderna. Para Werner Jaeger a cultura dos gregos constitui “um alto conceito de valor, um ideal consciente”. E como ideal consciente os Gregos, dando-se conta da incipiente formação dessa cultura, formularam aquilo que é, ao mesmo tempo, base e princípio essencial de toda uma cultura: a educação.

Contemplada pela perspectiva dos Gregos, a educação é um conceito genérico que normaliza seus comportamentos e se estende, deixando vestígios de sua força, em toda e qualquer manifestação, seja ela de teor artístico ou de alguma outra natureza. A educação para os Gregos foi um princípio ordenativo fundamental para que seu espírito empreendedor iniciasse uma busca pela elevação do ser e pela auto-investigação do homem grego. É nesse contexto que surge o herói épico como principal agente educador daquele povo. É nesse herói modelar, cujas façanhas e virtudes se perpetuaram no canto homérico, que se concentra todo ideal de ética e moral aristocrática da Grécia no período arcaico.

O herói épico tem sua gênese no mito, na consciência coletiva que subjazia todo o pensamento do homem grego desde tempos muito remotos. Agamenão, antes de figurar na *Ilíada* como chefe dos gregos contra tróia, já habitava, mesmo que de forma amorfa, no consciente mitológico dos Gregos. Seu nome, encontrado nas tabuinhas de Linear B, escrita usada pelos

micênios no fim da Idade do Bronze, decifrada no início do século por Michel Ventris, denuncia sua origem enraizada na nobreza micênica e provoca uma discussão a respeito de um suposto reinado. É possível, também, que os heróis de Homero tenham sido deuses micênicos em épocas remotas. Porém, é em Homero que esses heróis ganham características e vigores próprios.

Grande parte das tragédias exibiu em cena heróis consagrados pela épica, cujas insígnias, costumes, e histórias a muito habitavam a consciência coletiva dos gregos, que mantinham, por meio da educação, um vínculo de constante transmissão e profunda vivência com esses mitos. O trabalho dos tragediógrafos se resume basicamente em transformar as estruturas morais e éticas de caráter épico que subsistiam nesses heróis, e modelá-los na forma confusa do homem do século V a.C., posto que nesse novo homem já se encontravam imiscuídos e desordenados o embrião da filosofia, o ideal – incipiente por sua vez – da cidadania e o despertar das leis, que nasceram amparadas pela consolidação do edifício do *estado* (pólis) e que produziu, com o influxo de sua criação, uma transformação radical na idéia da *diké*.

Preferimos denominar como “transformação” e não como “evolução” o fenômeno que regulou a transição moral do herói, por carregar esse último termo um significado valorativo que em nada contribui para a pesquisa, posto que em suas premissas não há nenhum juízo de valor estabelecido a nenhuma das duas espécies de heróis.

**Bolsa: PET**